



XXI Encontro do CINDEDI
Transições, Diálogos
(inter)(trans)Disciplinares
e Ações na Comunidade



26 Fev-02 Mar 2018

Departamento de Educação,
Informação e Comunicação





XXI ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI

TRANSIÇÕES, DIÁLOGOS (INTER)(TRANS)DISCIPLINARES E AÇÕES NA COMUNIDADE

Apoio e Agradecimentos



CRONOGRAMA XXI ENCONTRO DO CINEDI

26/02	9h: ABERTURA DO ENCONTRO Anfiteatro André Jacquemin 9:30h MARA IGNEZ VIVE ENTRE NÓS - Maria Clotilde Rossetti-Ferreira - José Pinheiro - Maria Stella Gil - Tatiana Noronha de Souza - Vera Otero - Victor Montecchio Debatedora: Maria Clotilde Rossetti-Ferreira	14h - INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL Anfiteatro André Jacquemin - Do governo moral da infância à assistência institucional (Sergio Fonseca e Felipe Ziotti Narita) - Educação Infantil: contexto atual e perspectivas (Rita Coelho) - Modos de acolhimento - o exemplo da Cidade de SP (Ana Maria Mello) Debatedora: Maria Clotilde Rossetti-Ferreira	18h: Coral e coquetel de abertura
27/02	8:30h - A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC), FORMAÇÃO DOCENTE E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS Anfiteatro André Jacquemin - BNCC: Implicações para a Educação Infantil (Bianca Correa) - A formação docente e a escuta das crianças na Educação Infantil (Zilma M. R. Oliveira) Debatedora: Rita Coelho	14:30h: A GESTÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A QUALIDADE DE SUA OFERTA: DIFERENTES OLHARES SOBRE O TEMA Anfiteatro André Jacquemin - Bianca Correa (coordenadora) - Caroline Barreto Brunelli Barbosa - Danila Resende Rossetto Marques - Josemara Duarte Vieira Debatedora: Zilma M. R. Oliveira	Durante todo o dia: painéis. Painéis: debate das 13:13-14:30h
28/02	8:30: BEBÊS EM ADAPTAÇÃO À CRECHE Anfiteatro André Jacquemin - O projeto de Adaptação de bebês à creche, de 1994 (Maria Clotilde Rossetti-Ferreira) - O projeto internacional (Katia S. Amorim) - Estudos empíricos projeto internacional de adaptação à creche: Marisa von Dentz, Natália M.S. Costa, Karoline Siqueira, Solange Bezerra, Katia P. Miguel Debatedor: Ana Maria Mello	14:30h: A QUESTÃO DO VÍNCULO – DO BIOLÓGICO AO SOCIAL Anfiteatro André Jacquemin - Reflexões críticas sobre noções de vínculo e apego. (Katia Souza Amorim) - Teoria do Apego sob a ótica da biologia evolutiva (Max Cardoso Langer) - Vínculo em relações contemporâneas, sob a ótica da Filosofia (Reinaldo Furlan) Debate: Carmen Lucia Cardoso	Durante todo o dia: painéis Painéis: debate das 13:13-14:30h
01/03	8:30h VÍNCULO AFETIVO EM DIVERSOS CONTEXTOS, RELAÇÕES E IDADES Anfiteatro André Jacquemin - Vínculo e cuidado: (Ludmilla Dell'Isola Pelegrini de Melo Ferreira, Cintia Carvalho e Kaira Neder) - Vínculo no idoso (Stella Crivelenti Vilar) - O vínculo no trabalho de pedagogia hospitalar (Lucia M. S. Tinós & Sheila Mazer-Gonçalves) Debatedor: Reinaldo Furlan	15h: PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR Sala de Seminários II - CPA - Sucesso escolar em meios populares: contribuições da psicologia histórico-cultural (Débora Piotto) - A atividade orientadora de ensino: possibilidade de enfrentamento do fracasso escolar? (Elaine Araújo) Debatedor: Katia de Souza Amorim	Durante todo o dia: painéis Painéis: debate das 13:13-15h Happy hour no Invicta
02/03	8:30h: VÍNCULO E CUIDADO EM SAÚDE MENTAL Anfiteatro André Jacquemin - Coordenação e vínculo em um grupo de cuidado em saúde mental (Ana Paula Craveiro Prado) - Sobrecarga de familiares de pessoas em sofrimento mental: do cuidado ao vínculo (Ana Flavia de Oliveira Santos) - Grupo Comunitário de Saúde Mental: dispositivo de cuidado ao cuidador (Bruna Cardoso Pinheiro) - Acolhimento e vínculo em atendimentos breves (Lícia de Souza Barcelos) - O cuidado em saúde mental no contexto de intervenção à crise (Mara Soares Frateschi) - Grupo Comunitário de saúde mental: a empatia em questão (Carmen Lúcia Cardoso) Debatedora: Marina Simões F. F. Bertagnoli	14h: RODA DE CONVERSA: AVANÇANDO NO PROJETO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PARCERIA DA CAROCHINHA – DEDIC-CINEDI Sala de Seminários II – CPA - Regina Teles (Carocha) - Rosa Virgínia Pantoni (Carocha) - Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (CINEDI) - Sérgio Fonseca (Dedic/pai) - Bianca Correa (Dedic) - Débora Piotto (Dedic) - Kátia de Souza Amorim (CINEDI) Encerramento do Encontro	

Queridos amigos,

É com muita emoção e boas energias que recebemos a todos no XXI Encontro Científico do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI).

O CINDEDI foi criado não oficialmente em 1979 e oficialmente em 1990. Sua proposta foi sempre de privilegiar um trabalho interdisciplinar, sendo inicialmente um centro de pesquisa mais ligado ao campo da Psicologia do Desenvolvimento e da Educação Infantil.

Porém, ao longo desses 39 anos de existência concreta, o Centro passou por uma série de períodos, cada qual com suas especificidades, prioridades (pesquisa, construção teórica, intervenção), condições (estruturais, institucionais) e agrupamentos profissionais, fonte de diferentes arranjos e desdobramentos, na sua contínua busca por contribuição à construção do conhecimento, à formação de pesquisadores/professores, à atuação prática junto à comunidade e à construção de políticas públicas que contribuam ao atendimento com qualidade e aos direitos da população. Ao longo de sua existência, portanto, fica claro que se fizeram presentes diferenças no cotidiano fazer pesquisa de seus membros.

Desde seu início e ao longo de vários anos, a partir de uma perspectiva apontada pela própria universidade, tinha-se uma atuação em pesquisa investida na reflexão e na busca por qualidade, trabalhando-se com menos alunos e em que os tempos de pesquisa eram mais longos, possibilitando maior reflexão e menor funcionamento mecânico dentro da estrutura institucional. A princípio, os trabalhos investigavam particularmente crianças, na educação infantil. Nesses trabalhos, a partir de diferentes focos (ambiente, contexto, processos de significação, adaptação), foram-se constituindo métodos de investigação (fotografia, videograções, entrevistas semiestruturadas) e de análise (mapeamento, análise microgenética, análise de práticas discursivas), desdobrando-se uma interpretação mais sistêmica da participação de crianças pequenas em contextos institucionais. Tais estudos possibilitaram ainda verificar a riqueza das capacidades das crianças, mesmo dos bebês, expressos para além daquelas verificadas em estudos da relação mãe-criança, em ambientes domésticos.

Ainda, trabalhando-se com uma abordagem histórico-cultural, o foco das pesquisas se constituiu nas relações estabelecidas, em que se destacaram inclusive o papel de mediador do adulto, do ambiente, dos elementos semióticos na significação e constituição da subjetividade da criança ou do parceiro, seja este parceiro, uma outra criança, um jovem, adulto ou idoso. Com isso, o adulto passou também a foco de estudos, buscando-se (com)(a)preender toda sua (intera)(emo)(rela)ção com o Outro. Ainda, crianças cada vez mais novas - antes da aquisição da linguagem oral - passaram a ser estudadas, os bebês também se destacando, até em função de sua presença crescente nas instituições de educação infantil.

Desdobrando-se de extensa análise e discussão desse eixo empírico (crianças na educação infantil) passou-se a aprofundar o eixo teórico, através do que se buscava integrar diferentes elementos das teorias de base histórico-cultural, dentro de uma visão sistêmica e da complexidade, o que resultou na elaboração da perspectiva da Rede de Significações. Com tal perspectiva, contrapunha-se à questão de que Psicologia era meramente a ciência do “indivíduo”.

Estabelecida a perspectiva conceitual-metodológica, a elaboração teórica deixou de ser centro. Colocando-se as próprias noções à prova, passou-se a verificar, através de diferentes estudos empíricos, se a proposta elaborada poderia representar de fato ponto de ancoragem à análise de processos de desenvolvimento. Com isso, os temas se desdobraram, passando a encampar os processos de adoção, abrigamento e acolhimento familiar; o desenvolvimento de crianças com e sem necessidades especiais, rebatendo-se o paradigma do normal versus patológico; desenvolvimento do jovem infrator; formação profissional de educadores; a educação rural; dentre outros. Do foco central da criança, a partir das questões e instigações que emergiram, passou-se também a olhar o adulto (mãe, professora, cuidadora, familiares), o jovem, o idoso; passou-se a analisar o contexto da creche, mas também do Ensino Fundamental, na cidade e no campo; as instituições de acolhimento tanto das crianças como dos idosos; a relação das crianças com os adultos e também com os pares de idade, mesmo no caso de bebês; os processos de adaptação de bebês em diferentes contextos educacionais, no país e fora dele; a saúde mental e os processos de inclusão. Partindo-se

de estudos empíricos e considerando a visão ampla dos processos, investiu-se no debate sobre metodologia, ética, processos sociais, políticas públicas. A interdisciplinaridade promovida pelo grupo se fez crescente, integrando, articulando novos parceiros. Ainda, intercâmbios nacionais e internacionais se efetivaram, criando uma ampla rede de pesquisadores que contribuíam ao aprofundamento na construção dos vários campos de conhecimentos.

Mas, as relações nesses anos não foram somente de ganhos e integração, mas envolveram conflitos e crises. O Programa de Pós-graduação que, desde sua criação trazia uma visão mais ligada à interdisciplinaridade, em função da sua leitura quanto às demandas das agências de fomento, passou a buscar um maior foco na área específica, diminuindo a interlocução entre diferentes campos do conhecimento. As agências passaram ainda a estimular maior número de alunos em pós-graduação. E, os tempos de se fazer pesquisa passaram a ser reduzidos drasticamente, entendendo-se como ganho as defesas realizadas em menor tempo, o que na prática tem limitado as possibilidades de maior reflexão sobre os conhecimentos em construção. No percurso ainda, dentro da dinâmica da Faculdade, o Departamento que era de Psicologia e Educação passou por um processo de separação, em que os dois grupos passaram no cotidiano a ter diminuída a sua interlocução. Ainda, se novos pesquisadores ingressaram no grupo, outros dele se afastaram. Cada um desses elementos e vivências representaram tensões que, em alguns momentos, pesaram sobre a própria existência do Centro de pesquisa, fazendo com que a cada tempo, a sua reinvenção se fizesse necessária.

Chegando aos dias de hoje, pode-se destacar a última e dramática vivência. Após 39 anos ligado ao Departamento de Psicologia, desdobrando-se da intransigência frente a diferenças no modo de conceber a Universidade e sua gestão, ao final de 2017, membros do Conselho de Departamento de Psicologia, abrem mão do Centro, entendendo que este não faria mais parte daquele Departamento.

Mas, como a própria teoria que embasa o grupo considera, desenvolvimento se dá inclusive a partir de conflitos e crises. Como parte de superação da crise, efetivou-se a mudança do Centro, que passou a ser parte do DEdIC (Departamento de Educação, Informação e Comunicação). Este não só acolheu o Centro e seus pesquisadores de forma calorosa, como nesse momento, através dessa inserção, pode-se não só fortalecer antigos laços, como criar novos.

Nesse processo, a histórica articulação defendida pelo CINDEDI entre psicologia/educação, teoria/práxis, pesquisa/formação, contexto acadêmico universitário/ instituições de educação infantil se desdobrou e contribuiu para fortalecer a parceria - agora institucionalmente oficializada pela universidade - entre a Creche Carochinha (parceira desde a criação do CINDEDI e que teve presença sempre ativa na vida do próprio Centro) – DEdIC e CINDEDI, recompondo forças no sentido de dar visibilidade ao trabalho de ensino/pesquisa/extensão realizado naquele contexto de educação infantil e que poderá vir a se desdobrar em novos e estimulantes projetos.

É dentro desse novo momento, estrutura institucional, costurando antigas e novas parcerias e campos que o CINDEDI se encontra e que se corporifica hoje na realização deste encontro, com temas, áreas e atores diversos. O que nos une - para além de posições teóricas, campos do conhecimento, questões ideológicas ligadas à universidade - é o vínculo no sentido mais amplo da noção de liga, de uma liga que, ao mesmo tempo em que fortalece, se mostra como libertadora em diferentes aspectos que se possa considerar. E é dentro desse sentimento de vínculo e pertença que também nos ressentimos com a partida de uma das docentes do CINDEDI, a Profa. Dra. Mara Ignez Campos-de-Carvalho, que sempre presente, trazia ao grupo seu trabalho sério, sua espontaneidade e seu sorriso a contagiar nossos espaços de vivência.

É nesse contexto e proposta que afirmamos que todos são muito bem-vindos, para continuar e desdobrar nossos diálogos inter e, mais do que isso, transdisciplinares, no sentido de reconstruir ideias, recompor teorias e fortalecer (rel)ações tanto dentro como fora da academia. Um abraço a todos,

Katia de Souza Amorim

RESUMOS DO

XXI ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI

Educação Infantil

Alessandra Giovani

Andréia Cangemi

Bianca Santos

Carmen Dimas

Dulcinéia Gerolamo

Jaqueline Gonçalves

Letícia Falquetti

Laudicéia Santos

Rosana Stella

Silmara Pereira

Silvana Januário

PROJETO MARUJO AVENTUREIRO

DIMAS, Carmen; GEROLAMO, Dulcinéia.

Creche e Pré-Escola Carochinha - PUSP - Ribeirão Preto - São Paulo

Marujo aventureiro é um personagem fictício de um dos projetos desenvolvidos no pré vagalume (crianças de 4 anos de idade) no ano de 2017 na creche e pré/escola carochinha. Ele foi escolhido pelas professoras da turma como estratégia para as discussões de temas importantes para a faixa etária como, amizades, curiosidades, identidades culturais, respeito as diferenças, regras sociais etc. O projeto teve início com uma carta enviada pelo marujo que convidava as crianças para serem seus amigos e dessa forma poderia mandar notícias, curiosidades e surpresas dos países pelos quais viajava com seu navio. Foram grandes aventuras... Sempre que o marujo enviava uma carta para as crianças era uma grande festa! Além das novidades que trazia para que elas conhecessem e discutirem na roda enviava também um ou mais presentes relacionados ao país que havia estado. Nesse projeto, alguns países foram pesquisados pelas crianças como Quênia, Japão, Peru e África, os quais representavam a descendência de algumas famílias da turma e ou funcionários da creche o que propiciou a participação de muitos deles nas atividades programadas para as crianças como, apresentações musicais, contação de histórias, oficinas culinárias, jogos e brincadeiras, etc. O desenvolvimento desse projeto contribuiu para que as crianças construíssem noções de tempo, espaço, se interessassem por mapas, bandeiras, alimentos, músicas, brincadeiras e elementos de outras culturas através dos quais puderam também explorar as diferentes linguagens.

TURMA JABUTICABA ACOMPANHANDO O CICLO DA JABUTICABEIRA NA CAROCHINHA

GIOVANI, Alessandra; F, STELLA, Rosana.

Creche e Pré-escola Carochinha/PUSP-RP, Ribeirão Preto, Estado de São Paulo.

O presente trabalho tem como objetivo relatar algumas ações que foram realizadas durante o desenvolvimento do Projeto Integrador, denominado no ano de 2017, de **Verde que te quero ver**. Este projeto teve como objetivo apresentar a um grupo de crianças de 2 a 4 anos situações que propiciassem um contato com a Natureza. Assim, escolhemos nosso quintal que é tão rico para esse trabalho e elegemos a jabuticabeira como nossa “Árvore Amiga”, onde observamos o seu ciclo inteiro, desde o florescer até a aparição dos frutos. Essa escolha foi intencional por parte das professoras porque as crianças já haviam escolhido anteriormente o nome da Turma, cuja eleição venceu o nome Turma Jabuticaba. As ações realizadas durante o projeto ocorreram no período de Abril a Novembro do ano passado e envolveram 10 crianças, sendo 3 meninas e 7 meninos. Durante este período as crianças juntamente com as professoras cuidaram da árvore, regando diariamente e conscientizando as crianças das outras turmas para respeitar o tempo da colheita dos frutos e da sua importância. À sombra jabuticabeira foram realizados vários encontros agradáveis com as crianças da turma onde foram feitos piqueniques. Nesse local as crianças também receberam visitas de diferentes personagens, como por exemplo, a Jabutinha, puderam ouvir histórias, brincar com os amigos, entre outros. Foram realizadas também várias oficinas plásticas relacionadas ao tema, uma delas deu origem a um painel onde as crianças recriavam as situações do desenvolvimento do ciclo da jabuticabeira de forma lúdica. Tivemos também várias oficinas de degustação, onde além de chupar o fruto, as crianças puderam confeccionar a receita de gelinho de jabuticaba, o qual foi compartilhado com os amigos da creche durante a nossa exposição no evento: Mostras da Carochinha- Exposições Múltiplas que aconteceu no final do segundo semestre e fez grande sucesso entre as crianças e adultos. Essas vivências foram registradas através de fotos, vídeos e painéis informativos.

EXPERIÊNCIAS COM INTERIDADES NA CRECHE E PRÉ/ESCOLA CAROCHINHA

JANUÁRIO, Silvana; GONÇALVES, Jaqueline, T.; CANGEMI, Andréia.

Creche e Pré/Escola Carochinha - PUSP - Ribeirão Preto - São Paulo

A importância das interações das crianças de uma mesma idade e de faixas etárias diferentes há muito tem sido um dos aspectos da concepção pedagógica da creche e pré-escola carochinha. Essas interações promovem trocas de conhecimentos, de pontos de vista e de valores sociais, propiciando ricas experiências na educação infantil. Com o objetivo de melhorar a qualidade das interações entre crianças maiores e menores, introduzimos no ano de 2017 uma sistemática de situações educativas onde crianças de diferentes turmas e idades encontraram oportunidade de compartilharem brinquedos e brincadeiras em espaços previamente organizados pelas professoras para essa finalidade. Durante as brincadeiras foram propostos jogos de faz de conta, jogos de construção, jogos de movimento e exploração dos espaços como o parque, os pátios, a quadra e o galpão. Foram dispostos para as crianças diferentes materiais, como: caixas diversas, elásticos, argolas, tubos de pvc, materiais recicláveis, etc. Crianças de 2-5 anos de idade, em situações coletivas, utilizaram esses materiais nos diferentes espaços, organizando diferentes ações, escolhendo parcerias e trocando experiências acompanhadas pelas professoras da creche. Durante o processo dessa proposta de trabalho, fomos discutindo, avaliando e modificando nossos planejamentos conforme foram surgindo necessidade de adequações. Embora essas experiências ocorreram apenas em alguns momentos da rotina, avaliamos que o convívio com as crianças de diferentes faixas-etárias promoveu novas aprendizagens, maior vínculo entre elas e professoras de outras turmas e a construção de atitudes éticas que valorizam e respeitam as diferenças nas relações.

PALAVRA CANTADA OU COMIDA CANTADA?

SANTOS, Bianca, B. G., FALQUETTI, Letícia

Creche e Pré-escola Carochinha PUSP - RP, FMRP/USP - Ribeirão Preto - SP

Este trabalho apresenta algumas ações educativas realizadas na Creche e Pré-escola Carochinha/PUSP-RP, nos meses de Setembro e Outubro de 2017, com crianças na faixa etária de 2 a 4 anos. Com o objetivo constante de trabalhar a Educação Nutricional na instituição, a técnica em nutrição e a estagiária do curso de Nutrição e Metabolismo da FMRP - USP, realizaram este projeto de Educação Nutricional. Assim, intitulado "PALAVRA CANTADA OU COMIDA CANTADA?", o trabalho utilizou músicas do grupo infantil Palavra Cantada® que trazem nas suas letras menções sobre algum tipo de alimento ou preparação culinária. A linguagem musical, os alimentos e as preparações foram utilizadas em todos os encontros de forma lúdica, uma vez que este tipo de intervenção proporciona para esta faixa etária possibilidades de contato com alimentos, despertando o interesse por eles. O principal objetivo foi estimular que as crianças conhecessem uma maior variedade de alimentos e diferentes formas de preparo, apresentação e consumo dos mesmos. Foram realizados 8 encontros. 1º: Música **“Lavar as mãos”**- incentivo a lavagem de mãos para consumo de alimentos e diferentes situações da rotina. 2º: Música **“Água do meu filtro”** - ressaltar a importância da ingestão da água em comparação aos demais líquidos. 3º: Música **“Pomar”** - relação das árvores frutíferas e sua frutas. 4º: Música: **“Sopa”** - apresentar os ingredientes que compõem a sopa e o modo de preparo. 5º: **“Bolacha de água e sal”** - comparação dos diferentes tipos de bolachas. 6º: Música: **“Pipoca”** - Visita ao milharal da Turma Curumin, estudo das diferentes formas de milho, seguido de degustação de pipoca. 7º: Música: **“Fome come”** - sensação fome/saciedade. 8º: Encerramento - confecção da salada de frutas pelas crianças e piquenique. Durante os encontros as crianças puderam ter contato com diferentes modalidades expressivas, como: pinturas, desenhos; participar de oficinas culinárias (preparação da água saborizada e confecção do bolo de banana) e oficinas de degustação. Como registro do trabalho organizamos um portfólio que foi apresentado para as outras crianças e famílias da instituição durante a exposição da turma no evento: *Mostras da Carochinha - exposições múltiplas*. Verificamos com este trabalho que as crianças puderam ressignificar sua relação com os alimentos, bem como ampliar o repertório alimentar e os conhecimentos sobre os alimentos abordados.

OS FAZERES DOS CURUMINS

SANTOS, Luadiceia, G., PEREIRA. Silmara, T.

Creche e Pré-escola Carochinha/PUSP-RP, Ribeirão Preto, estado de São Paulo

O presente trabalho nasceu a partir de observações feitas pelas professoras depois da leitura da história: *O menino Poti, de Ana Maria Machado e Claudius*, para um grupo de 10 crianças, de 3 a 4 anos. O livro traz a temática da amizade entre o índiozinho Poti e um macaco que está ferido na floresta. Poti passeia pelo rio com sua canoa passando por uma linda floresta. Nesta floresta moram muitos bichos. Depois de socorrer o macaco, Poti leva-o para sua aldeia e eles “ficam amigos para sempre”. Percebemos um grande interesse das crianças pela história, pediam para lermos muitas vezes. Nessa fase ocorria também quando íamos passear pelo parque e/ou alimentar os bichos, das crianças frequentemente fazerem referência ao menino Poti que morava numa floresta igual a do parque da Creche e que também tinha bichos como aqui. Percebendo então o interesse e a curiosidade que as crianças demonstravam pela cultura indígena avaliamos que abordar essa temática seria uma forma de resgate da nossa história e das nossas raízes. Definimos então alguns objetivos para o desenvolvimento do trabalho: conhecer o modo de vida dos índios: costumes, alimentação, e etc.; cultivar a mandioca e o milho, observando o ciclo de crescimento desses alimentos; valorizar e respeitar outras formas de ser e viver; experimentar diferentes sabores através de oficinas culinárias; promover a construção de noções matemáticas (peso, medida, quantidade, e etc.) durante estas atividades; observar transformações químicas através de misturas de ingredientes e temperaturas; promover a sistematização de experiências com desenhos, pinturas e modelagens indígenas, pinturas corporais, e etc.; conhecer diferentes tipos de tintas utilizadas pelos índios e forma de fazer essas tintas; incentivar a produção de registros em diferentes suportes e com diferentes materiais; ampliar o repertório da linguagem corporal, propiciando jogos e brincadeiras da cultura indígena; ampliar o repertório musical com cantigas e ritmos indígenas; conhecer diferentes histórias e lendas, incentivando as crianças a recontarem, observando a construção da narrativa; introduzir regras e noções de temporalidade inspirado nas práticas indígenas (uso do Pau que fala). A escolha do nome como Turma Curumim, realizada pelas crianças e famílias contribuiu bastante para o desenvolvimento do projeto. Tivemos uma intensa participação das famílias e também pudemos contar com a participação de funcionários de outros setores da instituição para a realização das ações. O projeto pôde ser socializado com outras crianças e adultos durante a exposição da turma ocorrida no evento: Mostras da Carochinha- Exposições Múltiplas.

ASSIM EU SOU....TRABALHANDO ASPECTOS DA CONTRUÇÃO DE IDENTIDADE COM CRIANÇAS PEQUENAS

STELLA, Rosana; GIOVANI, Alessandra. F.

Creche e Pré-escola Carochinha/PUSP-RP, Ribeirão Preto, Estado de São Paulo.

O presente trabalho foi realizado com um agrupamento de 10 crianças, sendo 7 meninos e 3 meninas, na faixa etária de 2 a 4 anos, no período de Agosto a Novembro de 2017, na Creche e Pré-escola Carochinha PUSP-RP. Projetos com a temática *Identidade* têm sido frequentemente realizados na instituição com crianças dessa faixa etária por ser um momento rico em transformações e mudanças, onde começam a surgir com mais ênfase a curiosidade sobre as características físicas, psicológicas de cada um, bem como preferências, gostos e necessidades singulares. A criança desta idade já consegue exercitar ativamente o jogo simbólico durante as brincadeiras organizadas no seu dia a dia, sendo uma característica forte o aprender pela vivência. Na tentativa de não perder a ludicidade, escolhemos aspectos relacionados à constituição da identidade, trazidos ao som de músicas e histórias, cujos conteúdos faziam alusão ao nome próprio, a características físicas e/ou psicológicas, como: ser grande ou ser pequeno, competências diversas, as relações eu - outro, bem como particularidades de cada um. O projeto teve início com uma conversa em roda, onde foi apresentada a música “*Bicho homem*”, do Marcio Coelho. As crianças logo se apropriaram dela e com o desenrolar das atividades foram acrescentadas outras músicas, como das mãos, ensinada pela Professora Laís Paoline, a dos pés, de Telma Chan e com a música “cabeça, ombro, joelho e pé”, foram trabalhadas outras partes do corpo humano. Fizemos algumas leituras de histórias como: *A menina Bonita do Laço de Fita* (de autoria de Ana Maria Machado e as *Famílias do Mundinho*, de Ingrid Biesemryer Bellinghausen, entre outras. Realizamos também atividades como: desenhos, pinturas, recorte e colagem, realização de oficinas plásticas, confecção de painéis, montagem de silhuetas, organização de visitas das crianças da turma nas turmas do berçário etc. Para registrar as atividades fizemos uso de fotografias e gravação em vídeo. Através do uso de fotos da impressão dos pezinhos das crianças ao nascimento, juntamente com a silhuetas, as crianças puderam visualizar o quanto já haviam mudado fisicamente, elas também se lembravam de como se comportavam quando eram bebês, e assim puderam perceber melhor as competências atuais. A finalização do projeto ocorreu com a apresentação do mesmo durante o evento Mostrás da Carochinha- exposições múltiplas onde as crianças puderam compartilhar suas vivências com suas respectivas famílias e demais pessoas que frequentam a instituição.

Psicologia do Desenvolvimento

Cíntia Carvalho

Kátia S. Amorim

Kátia P. Miguel

Ludmilla Del'Isolla Ferreira

Marisa Von Dentz

Michelle Silva

Natália M. Santos Costa

Paulo Viana

Solange Nagela Pereira Bezerra

A CONSTRUÇÃO DO DIÁRIO DEIXAR, RECEPCIONAR E BUSCAR O BEBÊ NA CRECHE

BEZERRA, Solange, N. P., Dentz, M.V. & AMORIM, Kátia, S.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto-SP.

Discute-se, em função de uma série de elementos histórico-culturais e ligados a teorias psicológicas, que as relações família-creche podem vir a se constituir permeadas por fortes tensões, afetando o bebê no processo de transição do cuidado exclusivamente doméstico para aquele compartilhado com a creche. Assim, o objetivo é investigar longitudinalmente o processo de construção da relação família-bebê-educadoras, de bebês que se encontram em adaptação à creche. Participarão deste estudo três bebês focais entre 5 e 11 meses de idade (de três creches diferentes), seus pais e suas educadoras. Os participantes foram acompanhados ao longo de um ano, após o ingresso na creche, seus processos sendo registrados por videogravação e entrevistas semiestruturadas. Os registros fazem parte de Banco de Dados do projeto internacional "Infant Transition to Daycare", do qual o grupo de pesquisa faz parte. Do banco de dados, utilizaremos os recortes dos momentos de chegada e saída do bebê na creche, ao longo de um ano. Trabalharemos também com falas das entrevistas realizadas com os pais/responsáveis e com as educadoras, com quem se conversou sobre as características da criança e as expectativas e vivências no processo de adaptação do bebê. Os dados serão analisados qualitativamente, microgeneticamente, entrelaçando-se falas e cenas das videogravações, além de dados do Projeto Político-Pedagógico das creches. A meta se relaciona à contribuição com projeto internacional, além de formação da aluna enquanto pesquisadora.

AÇÕES DE CUIDADO ENTRE CRIANÇAS, EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

CARVALHO, Cíntia; AMORIM Kátia, S.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Paranaíba – MS

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Ribeirão Preto – SP

O acolhimento institucional infantil é espaço coletivo, temporário, que ocorre quando crianças (inclusive bebês) têm seus direitos violados, quando por condições sociais e econômicas, as famílias e o Estado não ofertam proteção necessária à saúde física e psicológica das crianças. Pelas tensões e rupturas que se desdobram da permanência em instituições de acolhimento, muitos autores preocupam-se com os afetos vividos pelas crianças, particularmente quando se considera a organização e as questões ideológicas que regulam a rotina e as relações na instituição. Tradicionalmente, concebe-se que é o adulto quem oferta cuidado às crianças. Mas seriam essas ações efetivadas exclusivamente por adultos? Ou as crianças que compartilham aquele espaço contribuem para cuidar umas das outras? Definiu-se, como objetivo investigar a ocorrência de ações de cuidado nas interações das crianças com os bebês, em instituição de acolhimento. A coleta e análise de dados foram guiadas pela perspectiva da Rede de Significações. Serão apresentados resultados referentes a um dos bebês acolhidos (Caio, 7 meses). No caso, foram feitas videgravações semanais, por três meses, compondo acervo de 12 horas de filmagens. Para análise, definiu-se como recorte, vinte minutos de gravação semanais, em que foram buscadas ações de cuidado entre crianças e bebê. A concepção de cuidado foi inspirada na Filosofia de Heidegger, que abrange o cuidado *com o outro*, que se expressa por preocupação, assistência; solicitude, atenção ao outro. À análise, verificou-se que as crianças demonstraram ações que vão desde cuidados básicos (alimentação, higiene), às trocas afetivas (falar em manhês, conversar, brincar, tocar com carinho, ir em direção de, quando a criança significava as expressões do bebê como demanda). Observou-se que o cuidado efetivado pelas próprias crianças, e no caso, sobretudo por Luna (06 anos), irmã de Caio, eram frequentes, com interações mais demoradas e significativas, comparada às cuidadoras. Estas apresentavam certo automatismo nessa oferta, talvez por concepções de não se criar vínculos com o bebê e/ou devido ao excesso de tarefas. Observou-se que ações de cuidado são significativas nas interações entre crianças e bebê, não se restringindo, nesses espaços, exclusivamente à mediação dos adultos. Isso não significa não investimento na construção do vínculo, pelo adulto cuidador, que como discutido em outros trabalhos, deve ser cuidado com processos de formação continuada. No entanto, os dados apontam à riqueza presente nas relações dos pares, destacando a questão da empatia, que deverá ser mais explorada nessas relações e contextos, para contribuir ao se traçar políticas de acolhimento.

ATIVIDADE EXPLORATÓRIA LOCOMOTORA NA RELAÇÃO COM PARES EM CONTEXTO DE CRECHE: UM PILOTO

COSTA, Natália, M. S.; SILVA, M., AMORIM, Kátia, S.

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP.

A capacidade exploratória do bebê é um importante recurso para guiar suas ações em um mundo em constante transformação, através da obtenção de informações contextuais e de informações ligadas às próprias (rel)ações no ambiente. Estudos laboratoriais enfatizam mecanismos perceptivos/motores em relação ao ambiente físico. No entanto, a compreensão da historicidade e complexidade do processo em contextos naturalísticos requer compreensão da mediação social/cultural. Esse processo é complexificado já que, na contemporaneidade, há crescente inserção de bebês em contextos educacionais coletivos, os quais passam a ser palco privilegiado de aquisições, dentre elas motoras/ locomotoras. Nestes contextos, as aquisições incluem vários outros parceiros interativos, particularmente os pares de idade. Com isso, há a necessidade de melhor compreender como o processo exploratório do bebê se dá em situação de adaptação a este local, com o início de sua frequência à creche. Portanto, o objetivo deste trabalho é verificar como se dão e como se transformam ao longo do tempo modos de exploração motora do contexto pelo bebê, a partir de seu ingresso na creche e sua frequência, ao longo de um ano. Com base na Rede de Significações, serão acompanhados dois bebês focais (idade 5-8m ao ingresso), de duas creches (uma pública, outra privada). Os registros estão sendo obtidos a partir de videogravações de duas horas cada, realizadas em oito datas diferentes ao longo de um ano. O corpus da análise será construído a partir do mapeamento de atividades exploratórias do bebê (olhar, locomover-se e/ou tocar/manipular pessoas/objetos, dentre outros) na sua relação com o ambiente e pessoas ali presentes, especialmente os seus pares de idade. Os episódios serão submetidos a análise microgenética, buscando-se acompanhar a transformação do processo exploratório. Um episódio de um estudo piloto será aqui apresentado. Priscila (11m) é um bebê que já anda com apoio em solo firme, mas apresenta dificuldades para manter-se ereta em um colchonete macio, localizado dentro de um brinquedo semelhante a um túnel que oferece suporte para as mãos. Em diversas situações, no entanto, sua locomoção é regulada pelo movimento de outros bebês, que emitem olhares, sorrisos, toque, etc. sua atenção é dividida entre o desafio motor de se sustentar ereta, e a interação com Cesar (16m) e Vitor (12m), de modo que no ajuste corporal frente ao desdobramento interativo, ela acaba conseguindo adentrar o túnel e manter-se em posição bípede, deslocando-se no colchão. Assim, em ambiente naturalístico, a locomoção exploratória parece ser efetivada a partir do desenrolar de ações com outras pessoas (inclusive crianças), em um entrelaçamento de elementos corporais, perceptuais, sociais e culturais que se destacam e (re)organizam a atenção e ação em movimento de figura / fundo. A mediação adulta está presente na organização espacial e na não-intervenção à locomoção independente.

INTERAÇÃO DE BEBÊS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO À CRECHE

DENTZ, Marisa, V.; SILVA, M. & AMORIM, Kátia, S.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto – SP.

O primeiro canal de acesso do bebê humano ao outro social se dá pela corporeidade, através das emoções e manifestações não verbais. Tal fenômeno vem sendo estudado majoritariamente na relação de bebês com a mãe ou outros parceiros adultos, em casa ou laboratório. Devido à necessidade de investigação em contextos naturalísticos diversos – como a creche – e, nesta, acompanhando o importante momento de transição do cuidado exclusivamente doméstico para aquele compartilhado com a creche, propusemo-nos a estudar o processo de adaptação ao ingresso, particularmente, através das interações de pares de bebês. A pesquisa está vinculada a projeto internacional que analisa diferentes aspectos na adaptação do bebê à creche. Sob a perspectiva da Rede de Significações, acompanhou-se, ao longo de um ano, três bebês focais - Sofia (6 meses ao ingresso); Isabela (6 meses ao ingresso); e, Carolina (10 meses ao ingresso), em três creches. Duas das instituições são filantrópicas e uma é pública ligada à universidade. A coleta de dados se fez conduzindo videogravações (em oito diferentes datas), entrevistas semiestruturadas (com pais e educadores); e, observações de comportamento. Análise preliminar permite pontuar algumas questões: as três creches possuem propostas político-pedagógicas distintas tanto para o atendimento quanto para o processo de adaptação dos bebês; a creche 1 possui um processo de adaptação progressiva de três dias, em que os pais não entram no berçário. Já as creches 2 e 3 contam com a presença dos pais nos primeiros dias de frequência, a creche 3 possuindo maior abertura, os pais podendo visitar os filhos ao longo do ano, na metade do dia. Apesar de a creche 3 se destacar pela abertura e adaptação progressiva, buscando respeitar o tempo do bebê, a criança acompanhada manifestou protesto e choro por período maior do que os bebês das outras creches. Já o bebê da creche 2, na qual a mãe esteve presente na sala nos três primeiros dias de aula apenas, manifestou fácil adequação ao ambiente coletivo, sem choros, protestos ou quaisquer manifestações de incômodo. Enfatizamos este elemento do tempo de adaptação porque, atrelado a ele, observou-se que, conforme os bebês focais iam se adaptando e ficando mais à vontade na creche, crescia o número de interações entre eles. Ao longo do ano, as interações de pares de bebês foram se tornando mais complexas, nas relações deles sendo construído um repertório de manifestações emocionais e corporais, estando presente brincadeiras e trocas reconhecidas pelos educadores e pais.

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ATENÇÃO CONJUNTA EM DÍADES DE BEBÊS

MIGUEL, Kátia, P.; AMORIM, Kátia, S.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto-SP.

Na psicologia, a atenção conjunta tem sido estudada há algumas décadas, por se atribuir a ela fundamental importância para o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo do bebê. Esta habilidade se refere a comportamentos como olhar na direção do olhar do outro; observar face, intenção e interesses do outro; mostrar e compartilhar interativamente objetos com outros, alguns autores descrevendo como atenção visual conjunta. De forma dominante, essa habilidade tem sido estudada em situação de interação entre adultos e bebês, com o adulto iniciando e orientando o processo de construção da atenção. Entretanto, na literatura da área, não se encontra menção a processos de construção, estabelecimento e manutenção da atenção conjunta que ocorram entre bebês; isto é, do bebê com seu par de idade. Nessa perspectiva, delineiam-se questões: poderia a atenção conjunta constituir-se em um processo construído entre bebês, sem a presença do parceiro adulto a orientar diretamente este processo? Dentro de suas características e potencialidades, possuiriam estes bebês recursos interativos propiciadores da coconstrução da atenção conjunta? Com estas questões, esta pesquisa vem investigando se ocorre construção, estabelecimento e manutenção da atenção conjunta em interação de bebês com seus pares, estes com idades entre 6 a 12 meses, em ambiente institucional coletivo (Instituição de Acolhimento). Para a construção do corpus, vem-se utilizando do Banco de Imagens do CINEDI, em função do já existente volumoso e rico acervo. Vêm sendo conduzidos estudos de caso, com base na perspectiva da Rede de Significações. Para a análise qualitativa de comportamentos, procurou-se nas interações dos bebês, indícios de busca e construção da atenção conjunta. Como resultados preliminares, percebeu-se a construção da atenção conjunta entre o bebê focal e duas outras crianças parceiras de interação, sem a interferência direta do adulto no processo. Também, verificou-se que tanto a questão do olhar quanto do gesto de apontar, considerados como comportamentos emblemáticos da habilidade de atenção conjunta não se mostraram imprescindíveis para a construção e manutenção do processo, destoando do que a literatura na área preconiza largamente. O objeto manipulado pelas crianças também se revela como um suporte para as interações negociadas, e não como foco específico da atenção conjunta. Além disso, algumas interações mesmo nessa faixa etária não se limitavam a um par, sendo poliádica. Considerando as especificidades dessa faixa etária, os dados preliminares construídos apontam, portanto, na direção de uma necessidade de ampliação ou mesmo reconceitualização do processo de atenção conjunta.

DE COLO EM COLO, ENTRE PANOS E “TETÊS”: UM ESTUDO DE CASO ACERCA DA CO-CONSTRUÇÃO DO APEGO NOS PRIMEIROS SEIS MESES DE VIDA

NEDER, Kaira.; Ferreira, L.D.I.; AMORIM, Kátia, S.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto-SP

O apego tem sido amplamente discutido na Psicologia do Desenvolvimento, sendo compreendido como sistema que garante sobrevivência da espécie, ao promover comportamentos de busca por proximidade ao cuidador. O apego é verificado por comportamentos mediadores que indicam orientação do bebê à figura de apego e a emissão de comportamentos sinalizadores e/ou executórios. No processo, o bebê cria conexões entre ações e o que ocorre no entorno, os comportamentos tornando-se corrigidos à meta, buscando tanto manter como obter proximidade à figura de apego. A teoria de Bowlby pontua que o apego emerge com a instauração da intersubjetividade, entre seis e nove meses de idade. Porém, outros autores defendem a intersubjetividade como primária, presente desde o nascimento. Com base nesta, traçou-se a hipótese de que o comportamento de apego do bebê pode ser observado se constituindo na relação desde o nascimento, sua manifestação se fazendo antes do proposto por Bowlby. Decidiu-se, assim, investigar, através de estudo de caso, processos de coconstrução de apego do bebê nos primeiros meses de vida. O embasamento se dá com perspectiva histórico-cultural (Rede de Significações), que entende desenvolvimento como biologicamente-cultural, dialógico, dando-se de forma inerente na relação com a alteridade. Trabalhou-se com Banco de Imagens que acompanhou o bebê (Marina), em seu primeiro ano de vida, sendo utilizado material referente aos seis primeiros meses, apreendendo-se manifestações comportamentais e procurando indícios de busca/manutenção de proximidade do bebê com seus parceiros. Após a visualização das cenas, mapeou-se comportamentos mediadores de apego (orientativo, sinalizador e executório; e interrupção de comportamento sinalizador) nas interações do bebê (mãe e familiares), acompanhando transformação, ao longo dos meses; e, buscando verificar se havia diferenciação de emissão com os diferentes parceiros. O mapeamento apontou ao comportamento orientativo como mais emitido, sendo que todos os tipos de comportamento mediador ocorreram em maior frequência, na interação com a mãe. Após as primeiras análises, realizou-se a análise microgenética dos episódios, buscando verificar a transformação no tempo e nas relações. Os dados preliminares sugerem indícios de apego em desenvolvimento e, sob o pressuposto da intersubjetividade primária trazem reflexões acerca do processo de construção do apego. Além disso, obteve-se dados que contrastam com os apresentados pela literatura, como a presença de comportamentos executórios desde o primeiro mês, com o bebê buscando proximidade através da sucção não-nutritiva, acolchoar-se, dentre outros; e, a ocorrência do comportamento de agarrar-se corrigido para a meta antes dos quatro meses.

**A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS IMPLICAÇÕES ENTRE A
FORMAÇÃO DE VÍNCULOS INTERSUBJETIVOS E O
DESENVOLVIMENTO DA AFETIVIDADE HUMANA: UMA PROPOSTA
TEÓRICA**

VIANA, Paulo, V. B. A.; FURLAN, Reinaldo.

No âmbito da psicologia do desenvolvimento tem se realizado pesquisas que buscam investigar os processos desenvolvimentais em suas dimensões cognitivas, sociais e biológicas em todo o ciclo da vida. Nesse contexto o presente trabalho buscou evidenciar o papel destacado da afetividade como dimensão essencial no processo desenvolvimental do sujeito, já que esta parece se situar no cerne da vida social, conferindo significação e sentido para a existência. A partir de alguns marcadores em Bowlby e Wallon que situam a emergência do psíquico sobre a base biológica e o caráter relacional-afetivo desse processo, buscamos as implicações entre a formação de vínculos intersubjetivos e o desenvolvimento da afetividade humana, destacando as reflexões de Merleau-Ponty e Philippe Rochat sobre a psicologia do desenvolvimento infantil.

Pedagogia Domiciliar e Hospitalar

Alana E. Araújo
Isabella M. C. Fantacini
Lúcia Maria S. Tinós
Rosângela Souza
Mariana C. Ziotti
Nayara A. Rodrigues
Sheila Mazer-Gonçalves

O ADOLESCENTE COM INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA: COMPREENDENDO SUA TRAJETÓRIA ESCOLAR

FANTACINI, Isabella M. C.; TINÓS, Lúcia Maria S.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Com o objetivo de compreender a trajetória escolar de adolescentes com insuficiência renal crônica, esta pesquisa encontra-se em fase de coleta de dados e das primeiras análises. De natureza qualitativa, os primeiros dados da pesquisa foram coletados por meio de entrevistas, com base em questões norteadoras. As mesmas foram gravadas, transcritas e organizadas em tabelas, para a construção da análise dos dados. Tanto a coleta dos dados como suas análises estarão sendo alicerçados no método fenomenológico. Os participantes são três adolescentes (12 a 18 anos) com Insuficiência Renal Crônica (IRC), em tratamento há pelo menos cinco anos e seus pais. Sabe-se que a doença crônica é uma patologia, que se conserva na vida dos sujeitos por três meses ou mais tempo; não possuindo cura imediata, demandando tratamentos específicos. Sendo assim, a IRC é considerada uma doença crônica que é caracterizada pela disfunção renal, em diferentes graus, na maioria dos casos declina levando para a perda do rim, desse modo, os pacientes precisam submeter à diálise peritoneal, hemodiálise ou transplante de rim. Assim, diante desse diagnóstico e compreendendo que tornar-se adolescente é um movimento de travessia entre ser criança e transformar-se adulto e entendendo este período como uma fase de transformações, onde os adolescentes perpassam por mudanças significativas, englobando aspectos físicos, emocionais, psicológicos, sociais e familiares surgiu à necessidade de buscar entendimentos sobre quais vivências e como vem acontecendo a construção da trajetória escolar de adolescentes com IRC. Através das entrevistas, dos adolescentes, e análises iniciais, observa-se que os adolescentes participantes dessa pesquisa, submeteram-se ao transplante de rim em diferentes faixas etárias, sendo dois na infância e um em sua adolescência. O transplante acarreta alguns cuidados extras e extremamente importantes para a recuperação, sendo um deles o afastamento durante um determinado período da escola, constatou-se que estes adolescentes não sofreram perdas significativas em relação a escolarização, pois durante o tratamento inicial (diálise peritoneal/hemodiálise) e após o transplante, tiveram diferentes redes de apoio, familiar, social e escolar, para que mesmo em tratamento e com demandas específicas de cuidados continuassem seu processo de escolarização. Assim, com base nesses resultados iniciais, ressalta-se que o direito a educação foi ofertado a esses sujeitos, mas, ainda se faz necessário olhar/analisar as singularidades e especificidades vivenciadas para que a qualidade desse direito seja, realmente, efetivada.

A CONSTRUÇÃO DE MATERIAL PEDAGÓGICO PARA A PEDAGOGIA HOSPITALAR - CAIXA DE HISTÓRIA

SOUZA, R. A.; TINÓS, Lúcia Maria S.

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo

Diariamente, o ambiente hospitalar recebe um público infanto-juvenil em fase escolar para tratamento e recuperação da saúde, que frequentemente em decorrência da permanência neste ambiente precisa distanciar-se da escola, possibilitando assim, interrupções no seu processo de escolarização. Pesquisas desvelam que nos espaços hospitalares, quando existe alguma atenção à criança, que não seja o tratamento de saúde, geralmente, são atividades apregoadas de ações lúdicas seguidas de brincadeiras para ocupar a criança, sem uma intencionalidade pedagógica. Todavia, reconhecendo a importância de serviços pedagógico-educacionais, no espaço hospitalar para contribuir com a continuidade de aprendizagem e escolarização desse público essa pesquisa teve como objetivo elaborar e aplicar um material pedagógico que possibilitasse o atendimento educativo para um grupo heterogêneo de criança itinerantes (várias localidades) cuja a faixa etária também é variável, em tratamento de saúde, a Caixa de História. Sob esta perspectiva a Caixa de História atuou como uma ferramenta imagética, sensorial, inspirada no modelo de educação montessoriana. A organização da Caixa de História consistiu, inicialmente, na seleção de uma história da literatura infantil que possibilitasse ir além da arte narrativa e subsidiasse a criação de atividades educativas, como jogos matemáticos, dinâmicas de leitura, alfabetização, interação social e cultural. A partir daí foram acondicionados dentro de uma caixa plástica, materiais simples relacionados ao enredo da história, de fácil elaboração, manuseio, higienização e condução para os diferentes espaços hospitalares. Depois, foi realizado um planejamento de ações, que foi uma preparação indispensável para que a arte narrativa conseguisse dar início às ações educativas, atraindo a atenção das crianças, possibilitando a investigação dos conhecimentos prévios das mesmas e construindo processos de aprendizagem. Foram confeccionadas duas caixas e feita a intervenção em uma Sala de Reforço Escolar pertencente a uma Casa de apoio à criança em tratamento oncológico em uma cidade do interior do Estado de São Paulo com participação de seis crianças com idades de três a dezesseis anos. Após a intervenção foi realizado os registros das práticas pedagógicas como um meio de documentar os encontros, para análise e interpretações das ações ocorridas para uma posterior reformulação das atividades e elaboração de novas problematizações. Salienta-se que a Caixa de Histórias além de propiciar encontros com a arte da palavra, apresentou-se como uma proposta de recurso pedagógico interessante na promoção de reforço escolar também em outras áreas do conhecimento às crianças temporariamente distanciadas do ambiente escolar regular institucional durante o período de tratamento e recuperação da saúde.

ATENDIMENTO PEDAGÓGICO DOMICILIAR NO GATMO: APOIO EDUCACIONAL PARA PACIENTES TRANSPLANTADOS

ZIOTTI, Mariana C.; TINÓS, Lúcia Maria S.; MAZER-GONÇALVES, Sheila M.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.

O Grupo de Apoio do Transplante de Medula Óssea (GATMO) é uma entidade beneficente sem fins lucrativos, com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento do transplante de medula óssea em Ribeirão Preto, acolhendo pacientes carentes e oferecendo a eles assistência durante todo o processo de tratamento até a sua recuperação. Crianças e adolescentes em tratamento ou pós-transplante permanecem por meses na casa de apoio do GATMO, sendo que muitos ficam anos sem frequentar a escola. Para esse público é possível realizar o Atendimento Pedagógico Domiciliar que constitui-se de atendimento educacional que ocorre em ambiente domiciliar ao educando que, decorrente de problema de saúde, fique impossibilitado de frequentar a escola ou esteja ele em casas de passagem, casas de apoio, casas-lar e/ou outras estruturas de apoio da sociedade. Sendo assim, este atendimento no GATMO é uma forma de possibilitar o acesso à escolarização e garantir o direito à educação dessas crianças e adolescentes enfermos, de acordo com a legislação. O objetivo deste trabalho foi oferecer o atendimento pedagógico domiciliar para dois alunos-pacientes na casa de apoio do GATMO. O atendimento pedagógico foi individual tendo em vista que buscava trabalhar as dificuldades específicas de cada criança/adolescente, considerando os distintos graus de escolaridade. Os materiais didático-pedagógicos variavam entre livros, jogos, materiais diversificados de apoio, recursos eletrônicos, acesso à internet, vídeos e filmes educativos. As aulas ocorrem em espaços como a copa, cozinha, escritório e sala de convivência. O planejamento das atividades, na maioria das vezes, precisava ser adaptado a cada aluno-paciente, por fatores como o estado emocional, número de pessoas presentes e o movimento da casa que às vezes recebe voluntários em horário de atendimento e isto faz com que seja necessária uma adaptação nas atividades pedagógicas para que o tempo seja bem aproveitado. Assim, o Atendimento Pedagógico Domiciliar mostrou-se fundamental para os alunos-pacientes e contribuiu de forma significativa no processo de desenvolvimento e da aprendizagem de conteúdos escolares, além de oferecer atividades educacionais para que os alunos sintam-se motivados a retornar ao ambiente escolar logo que possível, o que favoreceu também o resgate da autoestima e bem estar.

POESIAS E PROSAS DA HEMODIÁLISE INFANTIL

ARAÚJO, Alana E., FANTACINI, Isabella M. C., RODRIGUES, Nayara A., MAZER-GONÇALVES, Sheila M.; TINÓS, Lúcia Maria S.

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Ribeirão Preto - SP

Resumo: Este trabalho é um desdobramento dos atendimentos pedagógicos desenvolvidos na pesquisa “Pedagogia hospitalar no setor de hemodiálise infantil: avaliando atendimento pedagógico-hospitalar”, com as crianças e adolescentes da nefrologia pediátrica. Estes atendimentos vêm ocorrendo, desde 2014, no momento em que os pacientes estão realizando a hemodiálise, o que acontece três vezes por semana, no período da manhã. Os atendimentos são realizados por três graduandas do curso de pedagogia, sendo cada uma responsável por um dia da semana. Assim, surgiu a necessidade de definir um fio condutor para as atividades realizadas para que estas fossem mais significativas para as crianças e adolescentes, e também ajudar na organização e planejamento das atividades. Deste modo, foi elaborado um projeto sobre o gênero literário poema, sendo intitulado de “Poesias e Prosas da Hemodiálise Infantil e que teve como objetivo geral explorar as possibilidades de escrever e brincar com as palavras e a necessidade de ampliação do repertório destes alunos-pacientes”. Nesse projeto, também, foram definidos objetivos específicos voltados para cada uma das especificidades das crianças e adolescentes. Para o alcance dos mesmos, foram utilizados poemas disparadores que pautaram as atividades desenvolvidas, através de jogos rimados, reescrita de poemas, criação de acrósticos, brincadeiras, entre outros, cujos frutos culminaram na confecção de um livro. No decorrer da aplicação do projeto, foi possível notar que os objetivos previamente delineados foram sendo atingidos. Além disso, notou-se que os alunos-pacientes foram adquirindo novos conhecimentos, através da leitura e interpretação dos poemas por meio do trabalho com questões referentes à aprendizagem de conteúdos escolares, tais como: produção textual, ortografia, oralidade e organização das ideias. Dessa forma, contribuindo com a continuidade da vida escolar da criança enferma, delineando o setor de hemodiálise infantil enquanto um espaço de possibilidade de atuação pedagógica, contribuindo para a aquisição de novas aprendizagens para as crianças e para a formação das estagiárias enquanto pedagogas, por meio do trabalho com projetos para abranger as especificidades de cada aluno-paciente, na busca constante pelo aperfeiçoamento das atividades desenvolvidas.

Psicologia Comunitária e Saúde Mental

Ana Flávia Santos

Ana Paula Prado

Bruna Pinheiro

Carmen Lucia Cardoso

Érika T. K. Okino

Érika A. O. Cardoso

Fernanda K. T. Mishima-Gomes

Lícia Barcelos Souza

Mara Frateschi

GRUPO COMUNITÁRIO DE SAÚDE MENTAL: A EMPATIA EM QUESTÃO

CARDOSO, Carmen, L.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP / Ribeirão Preto, SP

A Reforma Psiquiátrica Brasileira propõe transformações no campo da saúde mental e aponta a necessidade do desenvolvimento de novas metodologias de cuidado na área. É nesse contexto que se desenvolveu o Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM) que é uma modalidade inovadora de cuidado, com perspectiva terapêutica e de promoção da saúde, que propõem um trabalho de atenção as experiências cotidianas, aliado a um exercício de compartilhamento no espaço grupal. Diferencia-se por propor o cuidado a todas as pessoas que participam do grupo, sem distinção de papéis, ou seja, todos podem fazer uso e se beneficiar do grupo, superando as tracionais hierarquias acadêmicas e profissionais. O presente trabalho objetiva compreender como se processa o encontro intersubjetivo, ou empatia, no GCSM e seu potencial terapêutico. O corpus da pesquisa foi constituído pelas transcrições de cinco grupos e observação participante com base na fenomenologia clássica de Stein, especificamente, em relação a concepção antropológica da pessoa humana desenvolvida a partir do estudo da empatia. Na análise compreensiva foram identificadas cinco unidades de significado, a saber: *Ethos* como alteridade – a atenção para a experiência cotidiana e seu relato em grupo pode permitir um reconhecimento do ‘sentido’, um mais além do já dado; Olhar para gestos humanos – captar genuinamente a experiência dos participantes; O acompanhar, conjunto, das experiências dos participantes – tomada de consciência da relação intersubjetiva; Valorização da experiência pela experiência – não há foco hermenêutico, interpretativo ou de aconselhamento, o que favorece a abertura para compreender o que está sendo exposto em um nível vivencial; Grupo de Pessoas e não de “tipo” – ter/fazer experiência é algo compartilhado por todos. Desse modo, se reconhece a proposta como uma forma exitosa pelo caráter humano de valorização da condição compartilhada de ser pessoa independentemente do papel social. Considera-se que um encontro humano que tem como proposta a suspensão da suposta obviedade do cotidiano, potencialmente favorece o encontro intersubjetivo ampliando as significações acerca de si mesmo, do outro e do mundo.

ACOLHIMENTO E VÍNCULO EM ATENDIMENTOS BREVES: EXPERIÊNCIAS NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

SOUZA, Lícia, B.; CARDOSO, Érika, A. O.; OKINO, Érika, T.K.; MISHIMA-
GOMES, Fernanda, K.T.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo

No campo da saúde, a política nacional de humanização vem contribuindo para a construção de um modelo de atenção que privilegie o acesso da comunidade aos serviços, a reorganização dos processos de trabalho alinhada com as necessidades da comunidade e ações que promovam a integralidade do cuidado. O acolhimento faz parte deste rearranjo e visa fortalecer o vínculo dos usuários com os profissionais, estimular a participação e a autonomia do usuário nas questões que envolvem sua saúde, além de melhorar a resolutividade. O objetivo deste trabalho é apresentar reflexões sobre alguns princípios que norteiam as práticas de acolhimento e formação de vínculos, baseadas nas experiências de acolhimento e atendimentos breves realizados no projeto de estágio *“Plantão Psicológico: do acolhimento ao encaminhamento”*, bem como descrever tal projeto. O projeto foi criado pelas cinco psicólogas do Departamento de Psicologia (DP) e tinha como objetivo realizar o acolhimento e triagem dos usuários para o encaminhamento aos atendimentos dentro da própria Clínica ou para outros serviços e instituições, além de instituir um campo de formação para alunos do curso de Psicologia. Em um período de sete anos, o projeto funcionou como porta de entrada da comunidade aos atendimentos psicológicos oferecidos pela Clínica-Escola do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPA), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. Embora a Clínica-Escola não faça parte oficialmente da rede de serviços de atenção psicossocial de Ribeirão Preto, ao longo do tempo ela passou a integrar a rede, recebendo encaminhamentos dos vários serviços de saúde e saúde mental dos vários níveis de atenção. As experiências de acolhimento, baseadas na escuta qualificada das necessidades dos usuários e supervisões clínicas, levaram à implantação dos atendimentos breves no Plantão, reconfigurando o processo de trabalho, ampliando a resolutividade, a integralidade com a rede e o campo de formação dos alunos. Desta forma, pensar as práticas psicológicas articuladas com um modelo de atenção que visa à humanização do cuidado atrelada à formação de profissionais pode contribuir para a problematização dos limites e possibilidades de formação de vínculo com a comunidade e do trabalho em rede de atenção psicossocial.

O CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO DE INTERVENÇÃO À CRISE

FRATESCHI, Mara, S.; CARDOSO, Carmen, L.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP / Ribeirão Preto, SP

A atual Política Nacional de Saúde Mental prevê ações centradas em recursos comunitários, visando a emancipação da pessoa, a redução da estigmatização e a criação de um sistema de apoio de longa duração. O Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) é caracterizado por alterações afetivas persistentes que representam um desvio marcante do desempenho habitual do indivíduo, tendendo a recorrer de forma cíclica, configurando um desafio para a rede de saúde mental. Este trabalho tem como objetivo compreender a vivência de pessoas diagnosticadas com TAB após a experiência da internação psiquiátrica, a partir da perspectiva do próprio paciente e de um familiar. Trata-se de um estudo de caso para o qual foram realizadas três entrevistas abertas e individuais com cada participante, com intervalos de dois meses entre os encontros. As entrevistas foram áudio-gravadas e transcritas. Além disso, realizou-se observação participante e os registros compuseram um diário de campo. As entrevistadas foram identificadas através de um hospital especializado em psiquiatria, público, que atende à região de Ribeirão Preto-SP e contatadas logo após a alta. Buscava-se pacientes que estivessem passando pelas primeiras cinco internações. O material foi submetido à análise qualitativa, tendo a Fenomenologia como referencial teórico-metodológico. Para este recorte, apresenta-se o caso de Carla (paciente com TAB que esteve internada por dois meses e meio) e sua mãe, Fátima. Carla tem 33 anos, é divorciada e mãe de dois filhos. Ela trabalhava, cuidava dos filhos e da casa e administrava o próprio dinheiro quando, em 2013, presenciou um assassinato e começou a desenvolver crenças persecutórias. Fátima organizou a mudança de Carla para outra cidade, considerando que a filha estava muito impaciente e precisando de uma ocupação. Vendo-se sozinha, Carla piorou drasticamente e foi internada pela primeira vez. Desde então, ela já esteve internada outras três vezes, sendo que o último episódio se deu após sua medicação faltar na rede pública de saúde e ela desencadear um surto maníaco com sintomas psicóticos. A análise possibilitou a construção dos seguintes eixos temáticos: a) Compreensão sobre as circunstâncias ligadas ao adoecimento; b) Descrição e avaliação do cuidado recebido na crise; c) Descrição do período pós-alta e perspectivas de futuro. Aponta-se que estudos cujo objetivo seja compreender do ponto de vista psicológico as experiências de sofrimento mental podem contribuir para a adequação das estratégias de cuidado e de reabilitação psicossocial, visando desenvolver ações mais relacionadas às necessidades e ao percurso de vida dos indivíduos.

SENTIDOS HUMANOS DO CUIDADO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: GRUPO COMUNITÁRIO DE SAÚDE MENTAL

PINHEIRO, Bruna, C.; CARDOSO, Carmen, L.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, Ribeirão Preto – SP

A efetiva consolidação do modelo psicossocial de atenção em saúde mental perpassa pela formação de recursos humanos, capazes de atuar segundo a lógica do cuidado ampliado e produzir ações e serviços qualificados e coerentes com os pressupostos da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Nesse contexto, o presente estudo teve como foco o programa Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM), desenvolvido na cidade de Ribeirão Preto- SP, que vem atuando como estratégia de ampliação e diversificação dos programas de cuidado em Saúde Mental e como espaço de formação de profissionais de saúde. Objetivou-se compreender as experiências de estudantes e profissionais em processo de formação com o GCSM e os desdobramentos de sua apropriação para a aprendizagem do cuidado em saúde mental. Está ancorado em uma abordagem qualitativa de pesquisa e utilizou como instrumentos a observação participante e a entrevista aberta. Participaram dessa pesquisa: cinco estudantes das áreas de Enfermagem, Terapia Ocupacional e Fisioterapia e dez profissionais em formação das áreas de Psicologia, Medicina e Serviço Social, totalizando 15 participantes. A análise do *corpus* foi realizada seguindo os princípios da Análise de Conteúdo Temática e possibilitou a construção de duas categorias, a saber: *Relações usuário-profissional no GCSM: a potência do encontro humano* - aborda as vivências dos estudantes e profissionais em formação em seu contato com os usuários de saúde mental no contexto do GCSM. Desvela como potencialidade do trabalho grupal de apropriação das experiências cotidianas a ruptura com um discurso acerca da pessoa em sofrimento psíquico reduzido à patologia e a ampliação do olhar para a mesma como portadora de outras possibilidades de ser/existir como pessoa humana. *O GCSM como estratégia de formação profissional: novas perspectivas de cuidado em saúde mental* - apresenta os desdobramentos da experiência vivida com o GCSM para outros contextos da formação profissional. Sugere uma ampliação da perspectiva de cuidado como produção de encontros, subjetividades e vida, em que a atenção para a complexidade e multiplicidade dos modos de ser/existir humanos favorece ao profissional a construção de novas e criativas estratégias para a produção do cuidado. Conclui-se que a proposta de trabalho do GCSM, ao promover o compartilhamento de experiências cotidianas por meio do encontro entre pessoas contribui para o resgate do sentido humano do conceito de cuidar na formação em saúde mental, auxiliando os estudantes e profissionais no desenvolvimento de mais amplos recursos afetivos e relacionais, indispensáveis tanto no cuidado ao outro como no autocuidado do profissional.

COORDENAÇÃO E VÍNCULO EM UM GRUPO DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL.

PRADO, Ana Paula, C.; CARDOSO, Carmen, L.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo

Desde a Reforma Psiquiátrica Brasileira, busca-se a consolidação de um modelo de cuidado em saúde mental centrado na pessoa e na comunidade, em que as relações intersubjetivas constituam-se como espaços terapêuticos e de vínculo. O Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM) é uma modalidade desenvolvida e estudada há 20 anos, que propõe um cuidado à saúde em grupo, a partir de uma atitude de atenção ao cotidiano, como fonte de experiências significativas a um percurso de amadurecimento humano. Trata-se de uma modalidade aberta a todos os participantes interessados, configurando-se como um grupo grande e heterogêneo. O objetivo deste estudo foi compreender o papel do coordenador da atividade na constituição de vínculo entre os participantes no GCSM. Para tal, foi adotada abordagem qualitativa em pesquisa. O Corpus do estudo foi composto pela audiogravação de seis sessões da referida modalidade. Todos os cuidados éticos foram adotados. Foi delineado um percurso de análise original: cada sessão foi analisada separadamente, de forma que todas as intervenções do coordenador foram descritas e contextualizadas em relação ao processo grupal, compondo um texto narrativo para cada sessão. Posteriormente, as intervenções foram sintetizadas, organizadas em quadros e tomadas enquanto um conjunto, possibilitando a identificação de características comuns que atravessavam as diversas intervenções e sessões estudadas. O coordenador mostrou-se ativo na promoção de um enquadre grupal acessível a todos os participantes, a partir de intervenções facilitadoras da compreensão e interação dos mesmos com a proposta e o método do GCSM. O coordenador utiliza recursos que se distanciam da perspectiva hermenêutica-interpretativa, a partir de um olhar para o gesto humano presente nas comunicações dos participantes, para além do conteúdo discursivo e singular de cada experiência compartilhada. Além disso, o coordenador coloca-se no grupo de forma pessoal, em perspectiva horizontal. Compreende-se que as características identificadas favorecem a constituição de vínculo em um grupo heterogêneo e aberto, uma vez que favorece o desvelamento de aspectos da condição humana, compartilhada por todos. Nesse sentido, a coordenação do GCSM guarda especificidades em relação a outros grupos, que são sustentadas pela perspectiva teórico-metodológica da atividade.

SOBRECARGA DE FAMILIARES DE PESSOA EM SOFRIMENTO MENTAL: O CUIDADO AO VÍNCULO

SANTOS, Ana Flávia, O.; CARDOSO, Carmen, L.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão
Preto, São Paulo.

A família assumiu um importante papel junto ao usuário, tendo em vista a reforma da assistência em saúde mental. Ao passo que possibilitou parceria potencial, também lhe recaiu uma sobrecarga adicional devido ao seu papel de cuidador e às dificuldades enfrentadas. A sobrecarga pode ser entendida nas dimensões objetiva (efeitos concretos e observáveis) e subjetiva (percepção pessoal). O presente trabalho objetivou avaliar a sobrecarga de familiares cuidadores de pessoa em sofrimento mental. Participaram 54 familiares cuidadores de usuário em tratamento em serviço de saúde mental há pelo um ano e que residiam juntos. Os instrumentos aplicados foram: Escala de Sobrecarga dos Familiares de Pacientes Psiquiátricos (FBIS-Br), Inventário de Estratégias de *Coping* de Folkman e Lazarus e questionário sócio demográfico. Os resultados foram tratados por meio de estatística descritiva e inferencial. A amostra se caracterizou, em sua maioria, por familiares do sexo feminino, sendo as mães mais frequentemente identificadas como as principais cuidadoras. Em relação aos usuários cujo familiar cuidador participou, predominou mulheres. Verificou-se que a assistência, a pessoa em sofrimento mental, na vida cotidiana foi a que mais contribuiu para a vivência de sobrecarga. Apesar de mais frequentemente realizadas, tais tarefas não acarretaram elevada sobrecarga subjetiva, à exceção das atividades de auxílio aos cuidados com a higiene, às tarefas de casa e pedir continuamente que o usuário ocupe seu tempo. Perceber o usuário ocupado, interessado e envolvido em algo, como no trabalho ou interação social pode gerar maior tranquilidade, tendo em vista a possibilidade de ampliar o convívio social. Quanto às preocupações dos cuidadores em relação aos usuários, uma das medidas da sobrecarga subjetiva, houve especial incômodo quanto à perspectiva de que não se tenha alguém que o substitua no cuidado futuramente. Entre os cuidadores, considerando-se os aspectos avaliados relativos às alterações no cotidiano familiar, verificou-se maior impacto devido a se tornar cuidador associado à redução da vida social. Observou-se que a estratégia de suporte social é a mais utilizada pelos familiares frente à situação de oferecimento de cuidado cotidiano ao familiar com sofrimento mental, indicando maior uso de estratégias ligadas à disposição para a busca de apoio e de ajuda no relacionamento com o outro. O amparo social ao familiar pode repercutir positivamente no suporte e cuidado oferecido à pessoa em sofrimento mental. Observa-se, portanto, que a produção de cuidado ao se lidar com o sofrimento mental passa pela perspectiva do vínculo, possibilitando que o apoio em redes de sociabilidade presentes na comunidade e no serviço de saúde mental e o fortalecimento dos vínculos cuidador-usuário, cuidador-serviço, usuário-serviço podem ser ações potentes no cuidado em saúde mental.

COMISSÃO ORGANIZADORA DO
XXI ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI

Cintia Carvalho

Kaira Neder

Katia de Souza Amorim

Ludmilla Dell’Isola Pelegrini de Melo Ferreira

Maria Clotilde Rossetti-Ferreira

Marisa von Dentz

Michelle Cristina Silva

Natália Meireles Santos Costa

Solange Nagela Pereira Bezerra

Stella Crivelenti Vilar